

“Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso”. Efectivamente, como sugere o ditado popular, todas as terras têm as suas próprias tradições ou tradições comuns adaptadas à sua realidade, fazendo jus ao ditado de que “quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto”.

Não podendo descrever aqui todas as tradições do Seixo, escolheram-se as que se julgam mais representativas da alma do seu povo: a Novena do Menino Jesus pelo Natal, o Cortejo dos *Reis*, o Cantar das Almas Santas, a Acção de Graças, as Maias e a Matança do porco.

NOVENA DO MENINO JESUS

É uma tradição antiga da Igreja preparar, remotamente, o Natal com o tempo do Advento e, mais proximamente, com a novena das antífonas maiores começadas por Ó, entre 17 e 24 de Dezembro: Então nestes dias de Dezembro, na recta final para o Natal, fazia-se na Igreja Velha, à noite, a novena do Menino Jesus, que era uma tradição já antiga em 1918, atesta-o um requerimento do Pe São Miguel ao Sr. D. Manuel, Bispo de Coimbra, com a data de 24 de Abril desse ano, nos seguintes termos:

“ O Presbytero António Ribeiro de S. Miguel tem a honra de expor a V. Ex.cia Rev.ma o seguinte: 1. Que há muitos annos se fazem na Capella d’este Curato do Seixo de Mira as devoções dos Meses de Maria em Maio; de Jesus em Junho; do Rosário em Outubro; das Almas em Novembro; novena do Menino Jesus em Dezembro; e Tríduo ao S. C. de Jesus. 2. Que estas devoções, por causa dos trabalhos agrícolas, que aqui são contínuos, se faziam sempre de noite, e eram presididas por uma filha de Maria, antes da Criação do Curato.

3. *Que, felismente, não se dão aqui os inconvenientes, previstos no venerando decreto de V. Ex.^a Rev.ma, proibitivo dos actos de culto a esta hora, pois os dois lugares que compõem o Curato são quasi juntos e agrupados, em volta da Capella, e o povo porta-se com respeito nos actos do culto.* 4. *Que não se fazendo àquella hora estas devoções não se farão jamais, com bastante ruína espiritual d'estes povos, e até escândalo, visto que a auctoridade Administrativa, aqui, nunca prohibiu que se exercesse o culto de noite.*

Em vista do exposto, e annuindo às instancias do povo, eu peço a V. Ex.^a Rev.ma que auctorise aquelles actos, principiando uma hora depois do sol posto, se não puder ser antes, tomando eu toda a responsabilidade na manutenção da ordem tanto dentro como fóra da Capella.

A resposta ao requerimento, com a data de vinte e seis, foi positiva: “ Como pede...”

A novena era então presidida por uma Filha de Maria que lhe dava sequência e entoava os cânticos a que logo se associavam as vozes agudas e trémulas de algumas mulheres, enchendo de alegria a garotada, que as acompanhava principalmente na parte do refrão. A novena era toda cantada, seguindo-se a cada quadra o refrão e o Padre-Nosso e a Avé-Maria também cantados cantados. (1)

1. Já se abriram os Céus,

Veio o tempo venturoso,

Em que Maria nos traz

Aos mortais o maior gozo.

CORO

Vinde, ó pastores,

Com sumo prazer,

Redentor do mundo

´Stá para nascer - bis

Vinde, ó pastores,

Com *sua* (suma) alegria,

Redentor do mundo

Nasce de Maria - bis

2. Ó Belém, terra ditosa,

Aposento de Maria;

A Redenção para os homens,

Para os anjos, a alegria.

3. A noite mais venturosa

Já não tarda muito tempo.

Alegrai-vos, ó mortais,

De sumo contentamento.

4. Árvore santa de *Jassé*

Dá um ramo desejado,

O fruto que dela nasce

É o Verbo Encarnado

5. Do varão nasceu a vara,

Da vara nasceu a flor,

De *Jassé* nasceu David, ou: Da flor nasceu Maria

De David o Redentor. De Maria, o Redentor.

6. Eva nos fez desgraçados

Comeu do pomo vedado;

Maria nos traz a graça

Em seu ventre (?) abençoado (fruto)

7. A virgem Santa nos traz

A redenção aos mortais.

Está perto a sua vinda,

A Virgem nos dá sinais.

8. As promessas já são cumpridas

Do Profeta Isaías:

Jesus nasceu para nós,

Felizes são nossos dias.

9. José Santo, que bem viste

A alegria dos pastores,

Escutai com atenção

Nossos pios (?) clamores. (? suspiros/trinos/gritos de?)

10. Rei dos reis, filho da Virgem,

No presépio foi nascido

Os três reis ofereceram

Ouro, incenso e mirra.

- Virgem sempre Imaculada,

Dos mortais o sumo bem,

Alcançai-nos a glória

Agora e sempre. Amén.

O Natal celebrava-se, então, de uma forma simples, mais religiosa, nada comercial: uma concha com azeite e uma *torcida* acesa junto do “Senhor” ou, mais raramente, de um pequeno presépio, na sala; umas batatas com bacalhau e uns *filhóses* feitos pela mãe durante a tarde; à noite, um serão familiar mais prolongado à espera da Missa do Galo; uns rebuçados para pôr nos chancas ou tamanquinhos que as crianças tinham o cuidado de pôr debaixo da chaminé aonde, na manhã seguinte, corriam pressurosas.

CORTEJO DOS REIS

Quanto ao Cortejo dos *Reis* ele é acompanhado com a representação de um auto religioso sobre os acontecimentos do Natal do Senhor, principalmente no episódio bíblico do Rei Herodes, segundo o qual este rei manda matar todas as crianças de Belém para assim eliminar também aquele que pensa ser o seu adversário. Antes do cortejo, todos os actores se preparam e caracterizam com o rigor possível, salientando-se os três Reis Magos com suas roupas exóticas e seus cavalos bem ajaezados. Partem então por caminhos diferentes e inicia-se o cortejo das pessoas com oferendas e dos personagens que interpretam o Auto. Começa na hoje rua P.e José da Graça e, à medida que vai avançando, vão-se integrando cada vez mais pessoas. Continua pela hoje rua professor Ramos, no fim da qual se representa o 1º quadro: “O Encontro dos três Reis Magos”. Estes apresentam-se mutuamente e descobrem que todos tinham seguido a mesma estrela e procuravam o mesmo menino acabado de nascer. Em seguida, o cortejo segue pela hoje rua P.e São Miguel, no meio da qual, se faz a representação do 2º Quadro: a “Cabana dos Pastores”. Estes contam os seus infortúnios do jugo romano e anseiam por um Libertador, sendo-lhes o seu nascimento confirmado pela aparição de um anjo. O cortejo continua então a sua marcha até ao cruzamento desta rua com a hoje rua da Fonte da Meneza. Aqui representa-se o 3º Quadro chamado “ A Cabana do Velho Semião “. A mensagem é muito parecida com a do quadro anterior, mas dá-lhe mais vida uma fogueira, com uma panela ao lume, para onde o Velho vai torcendo umas couves, depois de lhes ter dado um murro nas pontas, à boa e rápida maneira do Seixo. À medida que findam a representação, todos os figurantes deixam o seu pequeno palco e se inserem no cortejo, que é todo acompanhado por alguns músicos e canções apropriadas. Percorrem toda a rua anterior, passam pela hoje Travessa do Cruzeiro e chegam ao Largo do Cruzeiro, onde se representa o 4º Quadro conhecido por “A Fonte de Elias”. Trata-se de uma caravana de Árabes que, com os seus animais e cargas, repousam num pequeno oásis do deserto, junto a uma fonte. Ao verem toda a movimentação do Velho Simeão e dos pastores com os seus rebanhos que se aproximam com cânticos de alegria, perguntam o que se passa e por que vão eles tão apressados. É-lhes contada a história do aparecimento do Anjo anunciando o nascimento do Messias em Belém e uma “cigana” canta uma bonita canção sobre o acontecimento. Em cada ano, é cuidadosamente escolhida a moça que deverá figurar como cigana, sendo o timbre, a afinação e clareza de voz os factores decisivos para a sua escolha. Também estes estrangeiros decidem acompanhar os pastores em direcção a Belém, seguindo o Cortejo pela hoje rua Manuel Figueira, no fim da qual, junto ao Largo da Igreja Velha, se representa então o 5º Quadro, conhecido por “Palácio de Herodes” e onde é dramatizada a narração evangélica do caso. Este quadro é, de facto, o coração do Auto dos Reis Magos e consegue misturar o cómico com o trágico. Quando o Cortejo não termina com este quadro, representa-se um “Presépio Vivo”, no fim do qual se faz o leilão das ofertas. O dinheiro resultante, pagas as despesas, reverte em favor das obras ou necessidades da comunidade. É, na verdade, uma representação tradicional que, antigamente, tinha lugar no

Dia de *Reis*, (6 de Janeiro), e que hoje se faz no domingo mais próximo desta data, congregando sempre muita gente, mesmo de fora da terra.

CANTAR DAS ALMAS

A propósito do cantar das almas santas benditas, ocorre , no que respeita a usos e costumes, fazer uma breve referência à celebração da morte, que era um momento marcante na vida das famílias seixenses e da comunidade. Normalmente, era precedida pelo ritual religioso da administração da então chamada Extrema-Unção e Viático que era levado em solene procissão pública, pelas ruas, até casa do doente.

Logo após o “passamento”, os gritos sentidos dos familiares eram lancinantes, ecoando por toda a freguesia. A estes juntavam-se depois, algo fingidos, os das “carpideiras”, mulheres com um jeito especial para fazer o *pranto*, fazendo o elogio fúnebre mediante narração, a propósito e despropósito, das principais facetas da vida do falecido.

Mais interessante era o acto social que, até aos anos 60 do séc. anterior, tinha lugar após o funeral e enterro. Uma boa parte dos chefes de família – marido e mulher – dirigiam-se a casa do falecido com “cestadas” de comida para manifestar a sua solidariedade à família enlutada. Normalmente, era uma “caldeirada” de batatas e bacalhau bem temperadas com muito azeite, vinagre e alho, com o seu odor típico. Hoje, esta ementa é conhecida “ Caldeirada à moda do enterro”. Não faltava também uma terrina com saborosos “filhóses” e uma garrafa de vinho. Todos sentados, no chão, em esteiras que levavam consigo, conversavam animadamente procurando dar ânimo à família enlutada que, pela quantidade de “cestadas”, avaliava a sua aceitação social. A manifestação social do luto era realizada pelo parar do relógio da sala após falecimento (talvez simbolizando a presença da eternidade sem tempo), pelo fechar das janelas da casa e pelas roupa preta que se passava a usar durante um certo período de tempo, consoante o grau de parentesco com o falecido. No caso de marido e mulher, pela morte de um, o luto podia ir até ao fim da vida se, entretanto, não acontecesse um novo casamento.

Durante as noites da Quaresma, a juventude masculina ia de casa em casa, cantando ou rezando às almas santas, e recebendo em troca o que cada família dava com devoção para Missas e preces em memória dos seus que já tivessem partido. Organizavam-se dois grupos de rapazes que, depois de um pequeno ensaio (a melodia e a letra já faziam parte da memória colectiva) faziam o peditório nos seus lugares de residência: Seixo ou Cabeças-Verdes e Marco Soalheiro. Chegando a qualquer casa, após a saudação, vinha a tradicional pergunta: « Quer que cantemos ou rezemos?». Obtida a resposta, o coro dividia-se em duas partes, cantando uma os dois primeiros versos de cada quadra, e a outra os restantes. Só nas duas últimas quadras, criando vozes, cantava todo o coro. Era, de facto, belo o ecoar, pela calada da noite, do cântico a vozes masculinas da melodia (1) e letra que a seguir se transcrevem, muitas vezes com os dois coros em despique:

1. Ajoelhemos *in terra*,

Já não *semos* os primeiros;

Nossa companhia *banha*

Jasus Cristo Verdadeiro.

2. Ó *Virge* da Piedade,

A *divoção* nos obriga:

Rezemos às almas santas,(ou: a pedir p' r' às almas...)

Rezemos com alegria.

3. Ó almas santas benditas,

Pedi ó Nosso *Sinhore*

Qu' esta nossa *uração*

Seijain bossoloivore.

4. *Seijain bosso loivore*

Mai'lo da Virge Maria;

Pelas almas Padre-Nosso,

Por elas *Avé- Maria*.

5. *Atrumantadas* de dores,

Em *continuas* padecendo,

Assim são *nas* almas santas,

No *Prugatóiro* ardendo

6. Ouvi, *homes* e mulheres,

Deste povo *auditóiro*:

Dai esmola, se *puderes*

Às almas do *prugatóiro*.

7. Como Lázaro vos pede

Que não *vendeis* as fazendas,

Reparti as migalhinhas

Que crescem das *bossas* mesas.

8. Esses bens que *possuides*

Ai! Reparti-os nesta vida

Lá os achareis na *glória*

Quando *fores* na partida.

9. Das almas do *prugatóiro*

É bem que nos *alembremos*;

Todos hemos de morrer.

Sabe-o Deus p'ra onde iremos.

10. Essa *ismola* que vós dais

Não *cuidais* que a comemos;

É para *dizer de* missas

À *divoção* que trazemos.

11. Rezemos às almas santas

Rezemos com alegria:

Pelas almas, Padre-nosso,

Por elas, Avé Maria.

(Rezavam-se estas orações)

12. Nós que *estemosdi* joelhos

A rezar uma oração;

Ó nos *banham* dá- l' *ismola*,

Ó de Deus *banh' ó* perdão.

(*Entregava-se e recebia-se a esmola*)

13. Vós que *desteis la* esmola

Deste-la com *dibução*;

Na terra achareis o prémio,

Lá no céu a salvação.

14. Eu hei-de *assubir* ao céu,

Ai! Por uma continhas brancas;

Ess' *ismola* que *bós dendes*

Seja pelas almas santas.

15. Aí vem nossa *Sinhora*

Ai, com seu Menino Deus,

Ess' *ismola* que *bós dendes*

Seja por amor de Deus.

16. Ó *debino* Sacramento,

Sendo lo mesmo *Sinhore*,

Acompanhai nossas almas

Quando deste mundo forem.

17. Muito me pesa, ó *Sinhore*,

Muito me há-de pesar

Não estar *apreparado* (... aparelhado)

P'ra *bos* ir *acompanhare*.

18. Eu *apreparado* estou

Ai! Par' ó reino ir *gozare*,

Já o sacrário está aberto

Para Vos *acompanhare*.

19. Já o Sacrário está aberto,

Já o Senhor anda fora,

Foi visitar uma alma

Que se estava ind' *imbora*

20. Já o Sacrário está aberto,

Já o Senhor anda dentro,

Foi visitar uma alma

Qu' estava em *pensamento*. (passamento)

21. Já o Sacrário está aberto,

Já o Senhor anda dentro:

Estas treze *impertações* (deprecações, repartições)

Senhor, eu *bo las intrego*:

22. À hora da nossa *morti*,

Nos *tinhas* o céu aberto;

As do inferno fechadas

A poder de marteladas.

23. Rezemos às almas santas,

Rezemos co' alegria,

Pelas almas padre nosso,

Por elas Avé, Maria.

(Com outra melodia):

24. *Bós que desteis la esmola*

Com essas mãos liberais,

São cadeiras de flores

Que no céu *apresentais*.

25. Ó bom *Jasus* do Calvário,

Que lá estais na bela cruz,

Peço qu' as leveis à glória

Para sempre, amén, *Jasus*.

Seguiam-se as despedidas:

- « Boa noite e *Inté amanhã*. Que sobre o que lhe fica! » - por parte dos rapazes; e --- « *Inté amanhã*
, mocidade. Deus aceite as vossas passadas » - por parte dos donos da casa.

Outra tradição era a oração de acção de graças , à noite, no fim da ceia. As famílias do Seixo sempre foram muito religiosas o que se reflecte até no número de 20 sacerdotes e também no elevado número de freiras daqui naturais, inigualável em nenhuma outra freguesia da Diocese, apesar do reduzido tamanho e número de fogos da paróquia.

AS MAIAS

Ainda outra tradição, cujos principais intervenientes são os rapazes, é as Maias . Conforme o nome sugere realiza-se durante o mês de Maio que deve o seu nome a Maia, mãe de Mercúrio, protectora dos partos, ou ao deus Maius (maior), isto é, a Júpiter.

As Festas de Maio eram, então, “as festas da Primavera e da renovação da Natureza que, até há pouco tempo, constituíam um costume generalizado em toda a Europa, que oferecia uma mistura de paganismo e de cristianismo. (...) Muitos eram os usos e variantes espalhados pela Europa: crianças percorriam as aldeias dançando e cantando; enfeitava-se uma donzela (a Maia) e um jovem (o Maio) com flores e ramagens; os rapazes costumavam colocar à porta das namoradas ramos verdes e floridos; jovens e donzelas cobertos de folhagem e flores, levavam em cortejo, entre cantos e danças, um grande ramo ou um arbusto; os camponeses

percorriam os caminhos e campos com archotes, para afugentar as feiticeiras. (...) “ (1)

A tradição no Seixo era muito diferente das atrás enumeradas e consistia em dois tipos de actividades. Uma era a de escrever, nos muros adjacentes ou nas paredes das casas onde havia raparigas solteiras, durante os Sábados de Maio, mensagens lisonjeiras ou provocatórias, consoante a moça fosse simpática, sociável e de fácil relacionamento em questões de namoro, ou fosse antipática e arisca. Desta forma, o rapaz apaixonado extravasava os seus sentimentos, no sentido da relação ser bem sucedida. Raramente, estas mensagens se dirigiam a outras pessoas ou eram ofensivas e mal educadas. Neste caso, a visada ou alguém substituto tinha o cuidado de tornar, com uma pintura por cima, a mensagem ilegível.

Se tinha a virtude de provocar a bonomia e boa disposição, o costume tinha também o inconveniente de sujar as paredes das casas pintadas e de dar um mau aspecto visual. Hoje, está em vias de desaparecimento e, pelo menos, escreve-se já no pavimento da estrada.

O outro costume das Maias era o de, pela calada da noite, grupos de rapazes, entrarem em casa dos pais das raparigas e retirarem à socapa animais, carros de bois ou outras alfaias agrícolas que, no Domingo seguinte estariam em frente da Igreja, para que todos os que fossem à Missa pudessem ver e rir com as diabruras dos rapazes.

Havia como que uma espécie de disputa entre os pais das raparigas e os rapazes, gabando-se aqueles que a eles ninguém os conseguia “roubar”. Isto era como que um pedido sub-reptício aos rapazes de que o fizessem, pois tal constituía como que um realçar da importância social da moça. Em todo o caso, sem sucesso, os pais sempre dificultavam a operação aos rapazes: fechavam os portões a sete trancas, mantinham os carros cheios de pastos, dependuravam-nos, prendiam-lhe as rodas, sujavam-nos com excrementos dos animais, etc.. Os mais teimosos chegavam mesmo a atar-se às rodas do carro para não serem apanhados desprevenidos. Mas sempre a juventude levava a melhor!

MATANÇA DO PORCO

Num dos Sábados dos meses frios, normalmente, mais pelo S. Martinho, procedia-se à matança , “com sua licença, do porco que não tem outro nome” ou cevado que fora criado ao longo do ano.

Além do azeite comprado à medida da necessidade, era este um elemento muito importante no governo de uma casa, no referente às gorduras necessárias para o tempero dos alimentos.

Criado ao longo do ano principalmente pela dona da casa, que lhe dispensava todos os cuidados necessários, chegava-se mesmo a uma certa afectividade, traduzida no dia da matança por uma lágrima furtiva, principalmente, se o porco tinha sido manso e de boa boca. Por outro lado, este seria também um pouco o sentimento de todos perante uma vida a que, por necessidade e escalonamento da vida, se ia pôr fim de forma um tanto violenta. Daí, talvez, os ditos piadéticos de circunstância atenuadores do momento.

Manhã cedo, chegados os convidados, tomado o mata-bicho (um pequeno cálice de aguardente, em jejum) e o pequeno almoço, preparava-se o carro ou a carroça deixando-lhe um único *fogueiro* na traseira, onde se prenderia a perna do porco – elemento muito importante para a sua imobilização.

O mais destemido e arrojado entrava, então, no curral do animal e, olho adiante e outro atrás, com medo de alguma *mordidela* lá conseguia atar, com um nó de correr, uma corda a uma das pernas e outra ao focinho do animal. Pronto o trabalho, mandava abrir a porta, saindo o porco já a contra gosto e sendo obrigatoriamente encaminhado pelo grupo para junto do carro. Aí, era derrubado e, pegado a peso na posição de deitado, era posto sobre o estrado do carro na posição exigida pelo matador, sendo-lhe atada a perna ao *fogueiro*, o

focinho ao toço ou varal, o maxilar inferior ao superior, para evitar os seus grunhidos estridentes. Seguro em diversos pontos, principalmente na zona do cachaço, lavava-se então com água quente a zona da *barbelada*

, onde iria ser espetada a faca. O matador benzia-se e era o momento da grande interrogação!... A faca lá entrava e ou acertava em cheio na *caixa dos pirolitos*

ou ia mal encaminhada cortando as goelas ou batendo na espádua. No primeiro caso, o sangue saía as golfadas para o alguidar do sarrabulho, o primeiro; e para o alguidar da morcelas, já com vinho e cebola para evitar a coagulação, o último. No segundo caso, entre aflições e piadas, o matador lá teria de remediar a situação, até a faca não vir seca. Mas diga-se, em abono da verdade, que nunca nenhum porco se deixou de comer, embora alguns

ainda tenham dado algumas voltas pelo pátio, após esta operação.

Solto o provável último suspiro, descia-se o animal para o chão e solenizava-se o momento com mais algum aconchego para a boca.

A operação seguinte consistia na *chamuscadela*. Com agulhas de pinheiro a arder, progressivamente, a partir do focinho do animal até ao seu rabo, procedia-se à queima dos pelos e à *crestadela* da pele de ambos os lados do bicho. Momento solene era quando se arrancavam as unhas das patas e se entregavam às crianças para as irem semear no quintal para nascerem novos porcos. Era o processo pedagógico de atenuar tensões negativas ocasionadas pela agressividade da matança, ao mesmo tempo que se obrigava a criança a reagir perante a sensação do quente, com presumível galhofa para os maiores. Findo este trabalho, seria de bom tom oferecer mais uma bebida, porque as manhãs eram bem frias.

No passo seguinte, procedia-se à limpeza do coiro cabeludo do animal com água, uma telha, sal e facas a raspar. Dava-se um corte em ambos os cantos da boca para facilitar a sua lavagem com água. A operação terminava quando alguém dizia a frase: “Já pode ir amanhã à missa!...” E mais um copo!

De seguida, punha-se o animal de barriga para o ar, normalmente, em cima de sacos que facilitassem a sua pega para a dependura. Executava-se a operação denominada de *fazer o cú*, que consistia em libertar do recto a porcaria acumulada, atá-lo com um fio e cortar em círculo a carne à volta do ânus de forma que este ficasse totalmente despegado e se pudesse depois puxar, sem problemas, pelo interior da barriga, quando aberta. Nas patas traseiras, cortava-se também o coiro e aliviavam-se os tendões de forma a que pudesse entrar a *alpréche*, *alpranche* ou chambaril (pau em forma de acento circunflexo, com uma incisão em cada extremidade, que atado às patas traseiras servia para dependurar o porco por meio de uma corda (a *penduradeira*), atada no seu meio.

Dependurado o porco, seguia-se então a extracção das suas vísceras para o que era feito um corte de alto a baixo de ambos os lados exteriores dos mamilos, abrangendo a chama *pituga* donde era retirado o *piçalh*

o, nos machos -, sendo cortados os ossos do peito, na zona entre as mãos, e alçada e enfiada aquela por entre as patas traseiras. Cortava-se, então, de alto a baixo, a banha que suporta os intestinos: retirava-se a bexiga (que se dava aos garotos para eles encherem de ar e servir de bola de futebol ou então, havendo desavença entre eles, inutilizava-se logo) e deixava-se cair o tripado e outras vísceras para dentro de uma bacia. A operação finalizava com um corte circular no pescoço, outro no lombo acompanhando a coluna vertebral e no rachar das mãos. Era então feita a verdadeira avaliação do animal pela altura máxima do toucinho: “carne de palmo, 15 arrobas”- era a alegria do lavrador e da dona de casa. Acontecia algumas vezes que o lavrador ia buscar um pedaço de toucinho ainda do porco anterior e, vaidoso, dizia para os circunstantes: «Ela viu uma à outra!». Queria com isto exprimir a sua satisfação por o porco anterior ter sido tão grande que tinha chegado para o ano inteiro... mas, às vezes, à custa de que sacrifícios e bom governo da casa.

Finalmente, procedia-se à separação dos intestinos da membrana gordurosa que os liga e à preparação do coração, do fígado com extracção da vesícula (*fel*), dos pulmões (*lebres*), da língua, etc..

Terminados estes trabalhos, podia fazer-se uma pequena merenda com febras a *coiratos* assados na brasa.

O porco ficava dependurado, a escorrer, até à madrugada seguinte, altura em que era baixado e desmanchado, isto é, cortado e separado em partes. Com o sangue que tinha ficado para as morcelas, misturado com alguns pedaços de gordura, enchiam-se algumas tripas que, depois de cuidadosamente cozidas, se punham a secar no fumeiro da chaminé. Eram as morcelas.

O toucinho e os ossos eram imediatamente postos no *caixão* (salgadeira), com sal. Uma parte da *peituga* e dos *coiratos* era cortada, com algumas banhas, para fazer torresmos; outra, juntamente com algumas tripas e o coração iam para uma cântara com vinho e alho para os chamados *vindos-d´alho*

. As febras ou eram cortadas em pequenos pedaços para fazer as chouriças ou linguiças, ou em pedaços maiores que se iam conservar, num cântaro, em salmoira ou em sal no *caixão*

. Normalmente, não se esqueciam as ofertas: para o médico, o professor dos filhos, o prior e algum familiar.

Mas, em abundância, eram logo gastas num almoço – a que se chamava *as febras* - com a família e os netos da casa. Guisadas em puro vinho, com algum tempero, com batatas, eram regaladamente comidas pela família que assim reforçava os seus laços de união e amizade à volta da mesa, no dia do Senhor.

Adaptado de A CASA GANDAREZA EM SEIXO DE MIRA: sua vida, usos e tradições de Maria Isabel da Conceição Oliveira das Neves